

QUEBRANDO O CUTELO QUEBRADO

Mylena Nogueira

S passos lentos de um viajante cansado afundavam na lama de Porto do Alho. O sol já tinha se escondido. A cidade velha fedia como um meio-orc que não toma banho desde a última lua cheia, mas o homem cansado não se importava. Caminhava pelas ruas de pedra ignorando o ranger das carroças, a risada provocante das prostitutas e o rosnar dos cachorros que brigavam por restos e ossos. A noite quente e abafada implorava por uma bebida e cama, mesmo que a menos confortável. Por sorte (ou azar), sabia para onde ir.

No fim da ladeira, uma porta de madeira e uma janela pequena deixavam escapar alguma luz que refletia nas poças de água suja. Acima da entrada, uma placa meio caída, meio apagada, exibia o nome da taverna: Cutelo Quebrado. Não era o lugar mais convidativo do mundo, a comida era servida fria e a bebida servida quente, mas era o único estabelecimento que oferecia algo insosso para mastigar e um colchão surrado para deitar por apenas algumas moedas.

Empurrou a porta pesada com um rangido que foi ocultado pelo barulho agitado da taverna. Entrou tirando o capuz da cabeça e caminhando para o balcão, sentindo o cheiro azedo de cerveja derramada, suor de anão e gordura de alguma coisa que um dia, muito tempo atrás, já foi comida. O minotauro atrás do balcão berrava o valor dos quartos disponíveis, tentando se fazer ouvir acima da música que vinha do pequeno palco nos fundos do salão. Se é que se pode chamar aquilo de música.

O pequenino de orelhas pontudas conhecido como Geraldo Meia-Nota entoava acordes extremamente desafinados em seu alaúde. Suas apresentações eram um desfavor para quem ouvisse e, mesmo assim, Geraldo emendava uma canção atrás da outra. Composições tão geniais, quanto ofensivas.



O bardo batia com paixão nas cordas frouxas e cantava com voz chorosa:

— ... mas não ligo pra beleza, eu até passava a noite com a feia nessa mesa...

Do outro lado do salão, na mesa próxima à janela, Aurélia Fúria-Contida estalava a língua em desaprovação.

— Geraldo vai acabar arrumando problema outra vez. Ele canta merda e depois a gente tem que lidar com a confusão.

Aurélia era diferente da gente de chifre, apesar da pele avermelhada, olhos dourados e longos chifres curvados para trás, ela não carregava consigo o ímpeto infernal da sua raça. Pelo menos era o que dizia, desde que fez seu voto pacifista. Usava seus poderes apenas para proteger e curar seus aliados, e ainda fazia de tudo para não precisar. Seus esforços eram para apaziguar os ânimos e evitar conflitos a todo custo.

Ao seu lado, Vicente Braçoforte mordia uma coxa de galinha murcha sem muita vontade. Alto como uma torre, largo como uma carroça, o grandão se sentia entediado.

— Se começar uma briga, pelo menos anima um pouco a noite — e olhando para o elfo ao seu lado, — seu primo podia fazer esse favor...

Gaspar Meia-Noite não respondeu. Recostado no assento, com os pés sobre a mesa, não desviava os olhos do livro em suas mãos por razão alguma. Seu ar prepotente desencorajava qualquer tentativa de interação e, frequentemente, fingia não ouvir a conversa dos amigos para não ter que responder. O grupo não ligava.

Liza Dedoleve tirava a sujeira sob as unhas com a ponta da adaga, mas parou o que estava fazendo para comentar:

— Primo! Como pode aquele nanico ser teu parente? Por acaso ele é meio-elfo também?

— Você é meio-elfa e tem o tamanho de um humano normal — apontou Aurélia, — ele não devia ser tão baixinho...

— Eca, essa cerveja tá quente como mijo — reclamou Braçoforte.



Gaspar soltou um longo suspiro, revirando os olhos. Sem dizer uma palavra, ou sequer desviar os olhos da leitura, estendeu a mão com um gesto impaciente. Vicente sorriu como criança, deslizando a bebida na direção do amigo, tão logo ele alcançou o copo, cristais de gelo se formaram ao redor da caneca, gelando a cerveja em questão de segundos. Liza torceu a boca:

— Você podia ter uma magia que aquecesse também, quem sabe pudesse salvar essa água rala que chamam de sopa.

— Nem milagre salvaria essa porcaria — reclamou Aurélia, afastando o próprio prato.

No palco, Meia-Nota encerrava mais uma performance:

— ...passar por Porto do Alho já é um grande sofrimento, passar mais de uma noite, eu juro, não aguento. Mesmo assim não reclamo, sei o meu privilégio. Eu vou embora amanhã, mas tem quem more nesse brejo...

As vaias foram instantâneas, os moradores ofendidos gritavam ameaças ao bardo abusado, mas ele apenas ria e se preparava para mais uma toada. Aurélia considerava se já não era hora de tirá-lo de lá, antes que começassem a atirar tomates (ou cadeiras). Porém, a reflexão não durou muito tempo. Um brutamontes alcoolizado passou trombando na mesa, chacoalhando tudo e entornando a caneca de Braçoforte em seu colo.

— Sai da frente, carinha.

Os olhos de Braçoforte faiiscaram de raiva. Além da bebida derramada, o outro ainda teve a audácia, a pachorra de chamá-lo no diminutivo! Ele se levantou, batendo os punhos na mesa, pronto para resolver aquilo no braço, e coube a Fúria-Contida intervir:

— Não vale a pena, amigo, deixa isso pra lá... a gente tá aqui só de passagem, vamos ficar numa boa.

O grandão encarava o brutamontes com os olhos semicerrados e a respiração pesada, ainda considerando se ouvia os conselhos da amiga ou se cedia ao ímpeto de arrebentar aquele folgado. O outro esperava para ver qual ia ser.



Na Cutelo Quebrado, todo mundo conhecia João Trincacrânio e sabia que ele estava sempre atrás de confusão, até por isso ninguém se metia em seu caminho. Bastava algumas canecas de hidromel para ele se estranhar com alguém, como os moradores da cidade tinham medo dele, tentava a sorte com os forasteiros. Parecia que naquela noite ele tinha encontrado.

Braçoforte estava disposto a ignorar Trincacrânio, Fúria-Contida quase o convenceu a se sentar, mas Marla Ossuda já se aproximava para inflamar ainda mais a contenda. Era uma mulher corpulenta, com tranças grossas, vermelhas e despenteadas ao lado do rosto. Ela vinha cambaleando, trazendo nas mãos duas canecas espumantes. Nos lábios aquele sorriso torto, próprio de quem está decidida a começar uma briga. Parou diante da mesa do grupo, olhou para Braçoforte, depois para Fúria-Contida... e então seus olhos se fixaram em Gaspar Meia-Noite, o único que parecia não se importar com sua presença.

— Olha só... temos alguém muito concentrado — cantarolou.

Atrás dela vinha o duende Nick Esconde-Facas, que ria baixo, salivando pela treta que se armava. Ele e Trincacrânio anteviram a intenção da Ossuda, provocar o grandão do grupo seria fácil demais, eles tinham um novo alvo. O único que continuava impassível diante das provocações.

— A leitura parece tão interessante... — continuou Marla, girando uma caneca sobre a mesa, deixando o líquido derramar em círculos — seria uma pena se...

— Eu não me atreveria — alertou Gaspar sem tirar os olhos das páginas.

— Ou o que?

Nesse momento o bar calou. Meia-Nota cortou uma nota ao meio, o som mal afinado do alaúde se perdeu no ar, Dedoleve pousou uma das mãos no cinto de lâminas, Fúria-Contida ainda torcia para que a diplomacia vencesse e Braçoforte já sorria de lado, antecipando o resultado daquela provocação. Era tudo o que ele queria para animar a noite. Ansiava por isso como criança espera pela sobremesa.



Sem a menor noção do perigo, Marla decidiu pagar para ver e verteu a cerveja com a calma de quem rega uma planta. O líquido dourado escorreu em câmera lenta, deslizando tranquilo sobre as páginas abertas, como se soubesse que era a última coisa calma a acontecer ali. Por uma fração de segundo, só se ouviu o gotejar da cerveja pingando da mesa.

Gaspar fechou os olhos. Respirou fundo uma única vez. As sobrancelhas erguidas desenharam a exata expressão de alguém que não decide se vai reagir, mas apenas qual método será mais eficiente. Com um movimento elegante e mecânico, a mão esquerda deslizou pela manga larga do manto, pescando de dentro dela a varinha. Os olhos púrpura brilharam. As pupilas se estreitaram como as de um predador noturno.

A ponta da varinha descreveu no ar uma curva precisa, quase caligráfica, e então disparou. Um raio de luz azul cortou o espaço entre eles como uma lâmina. Num estalo agudo, o feixe acertou Marla nos tornozelos, e dali subiu num ricochete violento, subindo em espiral pelo corpo dela. As pernas ficaram rígidas primeiro, depois o tronco, os braços. Por fim, o sorriso zombeteiro se petrificou num cristal translúcido, fosco nas bordas, refletindo num brilho azulado.

O som do gelo tomado conta foi como mil agulhas de vidro sendo afiadas ao mesmo tempo. Marla tombou de lado, dura como uma estátua, batendo contra o chão com um baque seco, seguido do tordo de pedaços de gelo que se soltaram da franja do cabelo. O sorriso zombeteiro de Esconde-Facas morreu em seus lábios, Trincacrânio deu dois passos para trás, estupefato:

— Ela... ela... — gaguejou, arregalando os olhos bovinos, incapaz de processar o que acabara de testemunhar.

Mas cérebro lento não impede punho rápido. O brutamontes armou um soco do tamanho de uma roda de carroça, mirando direto no nariz do mago. O que ele não esperava era que Vicente Braçoforte já estivesse no meio do caminho.



— Nãããão! — rugiu o bárbaro.

O punho de Vicente, revestido de aço, encontrou a bochecha de Trincacrânio com a força de um carneiro desgovernado. O impacto fez o brutamontes girar no próprio eixo, cuspindo algo que parecia ser um dente... ou talvez uma lasca de mandíbula. Difícil dizer.

Antes que o grandalhão tocasse o chão, um som metálico e desconfiado ecoou perto do balcão. Nick Esconde-Facas, deslizando sorrateiro como sombra em noite sem lua, escorregou por baixo de uma mesa, sumindo aos olhos menos atentos. Seus dedinhos ágeis já afagavam o cabo de uma lâmina, prestes a cravar nas costas de alguém que nem perceberia.

— Eu sabia. — sussurrou Liza Dedoleve.

Ela observava tudo com o olhar de quem já vive três segundos no futuro e já estava pronta para agir. O olho dourado de Aurélia Fúria-Contida brilhou. Ela ergueu o incensário, que até então balançava pacífico, espalhando aroma doce e ameaçador. Uma prece breve, quase um murmurúrio:

— Que tua luz guie as mãos da caçadora... — e um clarão dourado escapou do centro da corrente.

Liza sorriu de canto. Em um único movimento, puxou duas adagas menores do cinto, tão rápidas que pareciam ter surgido do próprio ar.

— Tenta ser mais util na próxima, baixinho — disparou, e as lâminas voaram.

Uma prendeu a barra da camisa de Nick no batente da porta. A outra fincou bem no tecido da ombreira, deixando o duende pendurado, esperneando como roupa esquecida no varal.

— MAS QUE... SOLTA EU, SUA... SUA... — ele guinchava, sem terminar a ofensa, tentando se desprender das lâminas.

Foi quando um baque pesado reverberou no assoalho e um móvel voou para trás. De uma mesa lateral, surgiu Bob Marretada, o anão mais mal-encarado da região. A barba trançada balançava junto do martelo que parecia grande demais até para ele. Um pedaço de ferro que, por si só, podia ser considerado uma violação de segurança pública.



— Eu também quero entrar nessa dança! — anunciou, girando o martelo sobre o ombro, o olhar cravado em Vicente, porque, convenhamos, quem mais?

Vicente soltou um estalo de pescoço, com aquele sorriso meio torto de quem está prestes a transformar um problema em farelos. Mas antes que qualquer um deles pudesse se mover, uma nota dissonante, torta e agonizante como unha arranhando lousa, cortou o ar.

— E ISSO, MEUS AMIGOS, É O SOM DO CAOS CHEGANDO! — fez Geraldo Meia-Nota, subindo no balcão com seu alaúde.

As mãos gordinhas deslizaram nas cordas que emitiram uma sequência de notas horrendas pelo ambiente. Os olhos de Bob franziram. A sobrancelha tremeu. A boca se contraiu numa careta de puro desconforto.

— Pelos sete martelos do subsolo, MAS QUE BARULHO HORROROSO É ESSE?! — rosnou.

Geraldo piscou, abriu os braços e anunciou, satisfeito:

— *Notas Quebradas!* Diretamente do meu repertório especial de como tornar qualquer coisa pior.

O campo de batalha estava formado. Um brutamontes tonto, um duende pendurado e esbravejante, um anão segurando a cabeça e questionando todas as suas escolhas de vida. Do outro lado, dois heróis já na linha de frente, formados por lâminas e punhos; dois estrategistas, um com sua magia congelante, e outro cuja música era uma ameaça à sanidade mais que à integridade física. E, pra fechar o combo, a pacifista que jurou só se meter em briga pra curar aliados... mas que, invariavelmente, acabava no meio da confusão.

As cordas do alaúde de Geraldo Meia-Nota guincharam outra vez, agora em um tom que parecia um bode asmático sendo estrangulado.

— Esta se chama *Desafino Mortal*! — avisou, orgulhoso.



As cordas gemeram, urraram, rasgaram o ar com dissonâncias tão agudas que pareciam serrar a espinha dos presentes. Notas estridentes ziguezaguearam como facas invisíveis, atingindo os tímpanos dos inimigos. Trincacrânio gritou, segurando as orelhas, cambaleando. Ao tentar avançar, tropeçou no próprio pé, bateu o ombro numa mesa e quase caiu de cara no chão. Seu soco seguinte saiu torto, acertando uma pilha de pratos.

Bob Martelada girou o martelo como quem mistura cimento na betoneira do apocalipse, mas no meio da rotação seu cérebro foi atravessado pela melodia deplorável do bardo no balcão. A testa dele franziu tanto que parecia prestes a desabar sobre os próprios olhos. O golpe perdeu força, mordeu o ar e um pedaço da própria cadeira.

Aurélia Fúria-Contida, no centro do tumulto, ergueu o incensário com ambas as mãos. Uma luz dourada pulsou das correntes e se espalhou como névoa luminosa sobre os aliados.

— Que teus olhos vejam além... — sussurrou. — Mira certeira.

O dourado se infiltrou nas pupilas de Liza e Vicente, que piscaram como quem percebe que, de repente, enxerga o mundo em alta definição.

— Ah... agora sim — agradeceu Liza, deslizando pelo campo como se dançasse sobre seda.

Duas adagas, um giro, uma passada curta, e ela passou por trás de Bob, abrindo um corte na panturrilha cabeluda do anão. Ele berrou, desequilibrou, e o martelo pesado quase escapou da mão.

— Para de se mexer, diabinho! — grunhiu, tentando atingir a ladina, mas ela já não estava mais lá.

Gaspar Meia-Noite desenhou no ar uma espiral prateada com a ponta da varinha.

— Congela, infeliz.

Um raio azul pálido disparou da ponta da varinha, batendo no chão como se derramasse vidro líquido. Instantaneamente, uma placa de gelo se formou sob os pés de Trincacrânio, que escorregou de forma espetacular, girando os braços como moinhos desgovernados antes de aterrissar com as costas no chão.



Ao lado, Gaspar girou nos calcanhares e traçou outra linha de gelo, criando uma parede espessa e translúcida bem a tempo de bloquear o martelo de Bob, que ricocheteou contra a barreira com um barulho metálico, quase derrubando o anão de bunda no chão.

— Vai ter que tentar melhor que isso, senhor barba de arame — disse o mago, agora com um leve sorrisinho.

Geraldo Meia-Nota dedilha as cordas com paixão, do outro lado do salão, Bob sente o martelo se mover sozinho como se tivesse vida própria. Ele cambaleia para um lado e para o outro tentando controlar o pedaço de ferro. Gira para lá e para cá fazendo uma força descomunal. Ele puxa a arma para a direita e, quando ela para de resistir, vem com toda a velocidade nessa direção, acertando em cheio o ombro de Trincacrânio que urra de dor.

— EU NÃO SOU O INIMIGO, SUA ANTA!

— A culpa é da música maldita daquele baixinho sem-vergonha!

— Sou mais alto que você, alpinista de formigueiro.

E o campo de batalha parece um balé desengonçado: socos, lâminas, marteladas e feitiços num caos dançante, onde cada ação se encadeava como um passo numa coreografia estranhamente bela, feita de caos, magia e um alaúde demente.

O estalido da madeira veio como um trovão seco. Nick, até então colado na parede como um inseto infeliz, finalmente se desprendeu com um urro, arrancando lascas de tábuas junto às próprias costas. Seus olhos faiscavam raiva pura, e as mãos, mais rápidas que a própria sombra, agarraram um tonel vazio (ou talvez meio cheio) de aguardente barata, e o arremessou na direção de Geraldo Meia-Nota com uma força que parecia movida por séculos de frustração acumulada.

O bardo ergueu o alaúde como quem levanta um escudo de guerra. O impacto foi devastador. Madeira contra madeira. Corda contra tonel. O som foi um estalo seco, seguido de uma chuva de lascas, farpas e cordas arrebatadas. O instrumento se partiu em três, talvez quatro pedaços, como se o próprio universo dissesse: chega dessa palhaçada sonora.



O violãozinho meia-pêra se desfez e, junto dele, a aura de desafinação mágica que pairava sobre os inimigos. No mesmo instante, Bob Martelada sentiu o cérebro desanuviar, e, com a clareza cruel dos sádicos, girou o martelo em um arco devastador. A cabeça metálica descreveu um semicírculo horizontal no ar antes de encontrar o joelho direito de Liza Dedoleve. O som que veio a seguir não foi de carne, nem de osso, nem de metal. Era o som de algo se esfacelando.

Liza gritou. Curto. Cortante. Um som que nem parecia caber na boca pequena dela. Caiu no chão, desabando, com a perna dobrada num ângulo que não obedecia mais à geometria do seu corpo meio-elfo.

Ao lado, Vicente viu Trincacrânio levantar uma cadeira com as duas mãos e, com um grunhido, atirá-la em sua direção. O móvel se espatifou no ombro do grandalhão como se fosse feita de papelão molhado. Vicente bateu no próprio peito e rosnou:

— Pode mandar mais três dessa daí!

Fúria-Contida não perdeu um segundo. Deslizou até Liza, quase voando, as correntes do incensário tinindo como sinos de guerra. Ajoelhou-se, passou uma mão iluminada sobre o joelho dilacerado, e uma luz dourada, densa como mel aquecido, brotou entre seus dedos. Ossos rangendo, carne se costurando, pele se fechando. Liza apertou os olhos, arfando, enquanto o calor da magia queimava e curava ao mesmo tempo.

— Levanta — ordenou Aurélia, firme, com a voz de quem não aceita derrota, — aquele fedorento vai pagar caro por isso.

E, quando todos imaginavam que o Meia-Nota havia sido neutralizado, ele ressurgiu. Por trás do balcão, uma mini sombra se ergueu. Na mão direita, não mais um alaúde, mas um copo simples, de vidro grosso, trincado na borda. A palma da mão aberta bateu no fundo do copo com precisão, depois ele girou, deixou cair de boca para baixo, bateu novamente, puxou, virou, bateu, estalou os dedos no meio, voltou a bater... uma sinfonia de vidro, palma e madeira do balcão ritmando com maestria.



O som era seco, percussivo, como o coração acelerado de quem corre para a batalha. O vidro fazia tum, a palma respondia clap, o tampo do balcão devolvia tum-tum, criando uma cadência que parecia hipnotizar tudo ao redor. Seus olhos brilhavam, as bochechas infladas de quem está prestes a soltar um assobio ou uma nota e... E então ele começou a cantar. Um canto rápido, picado, entre as batidas, quase como se suas palavras fossem flechas que atravessavam o ritmo, perfurando o ar, cravando-se no peito dos inimigos.

— *Olha só que bando tosco, martelada, soco e rosca... Tão brigando entre eles, feito burro atrás da mosca. Se cabeça fosse prêmio, tava todo mundo liso, porque cérebro, meus caros, aqui falta mais que juízo!*

As ondas sonoras voltaram a dançar no ambiente, como mãos invisíveis empurrando os adversários para longe, turvando seus sentidos, embaralhando sua mira. Bob tropeçou no próprio martelo. Trincacrânio apertou os olhos, batendo as têmporas com força, como se tentasse expulsar aquele som que agora parecia estar dentro da própria cabeça.

— Isso é... isso é feitiçaria ou tortura sonora?! — berrou Nick, cambaleando para trás, como se o copo do bardo fosse uma catapulta invisível lançando caos.

Fúria-Contida largou o incensário como quem deixa de lado a própria sanidade. Os olhos, antes janelas da compaixão divina, agora eram portões escancarados do abismo. Com um grito que parecia uma oração e um xingamento ao mesmo tempo, ela agarrou as correntes do incensário, girando o objeto com tanto ímpeto que o ar ao redor ganhou cheiro de ferro, de ozônio e de desgraça iminente.

— Voto pacifista é o caramba! Cansei de vocês.

O metal zunia, cortando o espaço como lâmina de guilhotina embriagada. O golpe foi certeiro. O incensário reluziu antes de encontrar a cara do anão. O impacto reverberou com som de sino rachado, de tímpano implodindo. O corpo de Bob Martelada voou dois metros para trás, bateu no balcão e desabou numa pilha de pratos, vidro e dignidade. Todos estilhaçados.



Mas caos não anda sozinho. Nick Esconde-Facas, ágil, traiçoeiro e miserável, surgiu das sombras como quem brota do próprio azar. Suas adagas riscaram o ar numa dança suja, cortando o vento e a misericórdia. Uma delas encontrou as costelas de Aurélia, abrindo caminho entre carne e surpresa. Ela arquejou, tombando, a corrente escorregando das mãos, o incensário rolando e desenhando círculos no chão como se sentisse a dor da clériga que o manipulava.

E então... o cristal, frágil, singelo, presente de sua mãe antes de sua partida, rolou lentamente. Como se o tempo tivesse apertado o freio de mão da realidade. E foi aí que Trincacrânio, aquela muralha de músculo, estupidez e dentes lascados, percebeu. Seus olhos brilharam, não de ganância, mas de puro sadismo. Ele não pensou duas vezes. Pé no alto. Queda livre. O som era de esperança sendo reduzida a pó. Um estalo, um suspiro e depois silêncio.

Só que... o silêncio não durou.

Aurélia cravou os dedos no chão. O corpo inteiro tremia, não de dor, mas de algo mais antigo, mais perigoso. E então ela começou a falar. Uma língua que vinha das suas entranhas. Não era latim, nem élfico, nem língua dos homens. Era Infernal.

As palavras escorriam da boca dela como sangue negro. Grosseiras, ancestrais, proibidas. O ar ficou denso. As sombras fugiram. E quem tinha juízo, ou ao menos instinto, se pôs a correr. A mesa tombou sozinha. As velas apagaram. E a primeira colher quebrou-se sem motivo aparente.

E então... ela levitou.

O corpo se ergueu, flutuando a poucos palmos do chão, braços abertos como asas de corvo. A luz roxa ao redor dela, formava uma auréola disforme, pulsante, tremeluzente, como uma estrela em colapso.

Os olhos da clériga não tinham mais pupilas. Só luz. Pura. Crua. Cruel.

Os inimigos ficaram paralisados. As pernas simplesmente não obedeciam. Bob Martelada caiu de joelhos, olhos arregalados. Trincacrânio apertou o próprio pescoço como se algo invisível o sufocasse. Nick Esconde-Facas tropeçou, olhando ao redor como quem percebe que a realidade acabou de quebrar.



Do fundo da alma, Vicente sorriu.

— Ah... finalmente. Adoro quando ela faz isso.

Com ar satisfeito, pegou o escudo de Aurélia do chão, o disco de metal tremia, irradiando calor e poder bruto. Se colocou atrás dele, como quem segura uma porta contra o fim do mundo e está feliz com isso. Liza, Geraldo e Gaspar? Já tinham entendido a mensagem. Num salto coordenado de sobreviventes calejados, se jogaram atrás do balcão, encolhidos, olhos fechados, mãos cobrindo a cabeça.

E então... BOOM.

A explosão não foi só som. Foi luz. Foi vento. Foi peso. Foi ausência de deuses e excesso de magia. O telhado voou inteiro, como se tivesse só decidido ir viver a vida dele. Paredes se abriram, mesas se despedaçaram, cadeiras entraram em combustão espontânea. Garrafas voaram, descrevendo uma dança etílica mal ensaiada antes de se estilhaçarem ainda no ar. O céu de Porto do Alho brilhou em um relâmpago roxo, fantasmagórico, que anunciava: a taverna foi pro beleléu.

Quando a fumaça começou a baixar, um som gutural rasgou o ar. Um urro. Um rugido. Um trovão de carne e fúria. O minotauro, dono do bar. Ele estava ali desde o começo, atrás do balcão, fingindo que não era com ele. Mas agora, olhando seu bar reduzido a gravetos e cinzas, ele não era mais só um taverneiro. Era a própria encarnação da vingança.

— VOCÊS... VÃO... PAGAAAAAAAAR!!!

O chão tremeu. As narinas dele exalavam fumaça. As patas raspavam no assoalho, ou no que restou dele. O chifre esquerdo brilhava com um lascado recém-adquirido. E os olhos eram dois sóis vermelhos de puro ódio.

— GENTE! GENTE! É AGORA! — gritou Geraldo, catando um sininho velho que, por algum milagre (ou ironia cósmica), tinha sobrevivido.

Ele sacudiu o sino. Uma. Duas. Três vezes, formando um ritmo. E, enquanto o badalo trêmulo desenhava notas desafinadas no ar, o bardo entoou:

— *Corre, corre, minha gente, que o minotauro tá puto e é verdadeiro! Pega as pernas, pega o vento, deixa pra trás esse chiqueiro!*

Um brilho amarelinho envolveu os pés heróis. As pernas ficaram mais leves. O vento parecia empurrar. E foi assim que eles correram. Não com honra, nem com dignidade, apenas velocidade suficiente para sobreviver.

Correram entre as ruas, se enfiando nos becos. Fugindo do minotauro que urrava, bufava e atropelava o que aparecesse em sua frente. Só pararam quando as pernas disseram chega e os pulmões ameaçaram se rebelar.

Ali, no alto de uma colina desgrenhada, coberta de mato seco e pedras esquecidas, eles se sentaram — desabaram, melhor dizendo. Lá de cima, podiam ver Porto do Alho tremeluzindo na distância, e uma fumacinha teimosa subindo do que, até pouco tempo atrás, era a Taverna Cutelo Quebrado.

Vicente largou o escudo de Aurélia no chão e jogou o próprio corpo para trás, de braços abertos, rindo. Não um riso comum. Era aquele riso elétrico, meio histérico, que só nasce quando a morte quase tocou seu ombro, mas errou o caminho.

— CACETE! ISSO SIM É VIVER! HAHAHAHA — chutou o ar, como quem espanta o medo que ainda agarrava seus calcanhares. — Aurélinha, eu te amo, mas você é muito mais divertida quando explode tudo!

Liza, ajeitando a trança desalinhada, ainda com respiração curta, balançou a cabeça, mas não conteve o sorriso.

— Tá, tá... mas os parabéns mesmo vai pro Meia-Nota — bateu de leve no ombro do bardo, que afinava o sininho recém-salvo dos destroços, — aquilo no balcão... usando o copo pra fazer batida... aquilo foi genial!

Geraldo ajeitou o chapéu puído, empinando o queixo como quem segura a gravidade do próprio talento.

— Eu sou uma estrela incompreendida, meu bem. Um maestro do caos.

Aurélia puxava o capuz até as sobrancelhas, os olhos baixos, a voz mais amarga que vinho azedo.

— Eu quebrei meu voto outra vez — a luz roxa que ainda brilhava fraquinha sob sua pele parecia querer sumir, envergonhada. — Eu prometi autocontrole, compaixão... mas quando menos espero: explodi um prédio. De novo.

— Se pensar bem, não foi uma quebra de voto — tentou Geraldo, — você prometeu só usar seus poderes para curar e proteger... aqueles três tentaram acabar com a gente.

Gaspar, que estava em silêncio desde que pararam de correr, demonstrou seu descontentamento. Ele segurava o óculos na mão direita e, com a esquerda, brandia a varinha, fazendo pequenos reparos na lente. Sua voz era puro sarcasmo:

— Que bom que se divertiram, senhores, porque eu tenho más notícias. Vamos todos dormir ao relento, já que aquela era a única hospedagem em um raio de trinta léguas.

Vicente deu de ombros, rindo outra vez.

— Dormir é pros fracos — e foi sentar na beira do penhasco.

Liza se ajeitou, deitando na grama seca.

— Não sei do que vossa alteza está reclamando, se foi o senhor quem disparou o primeiro golpe.

Geraldo fez soar o sininho, uma provocação baixinha. Gaspar fechou a cara, apoiando a cabeça em uma pedra. Aurélia também encontrou um lugar menos desconfortável para deitar. E assim ficaram. Meio vivos, meio quebrados, mas inteiros o suficiente pra saber que conquistaram mais uma história para contar.

FIM

